

6

Considerações finais

Em busca de sua formação e da circulação de sua escrita, o escritor iniciante descobre, adere, passa, ultrapassa a oficina. Sua vivência literária, dentro e fora deste lugar, nada lhe garante, e só lhe trará novas reflexões e questionamentos.

Nestas últimas considerações em torno de um tema que não se esgota – e nem se pretendeu aqui esgotar – reflito também sobre a minha adesão a esta experiência, experiência que não julgo transposta (planejo participar de novos grupos) e que afinal tornou-se o recorte de minha pesquisa.

Desde o início desta, procurei por alguma análise crítica mais formalizada da oficina e de seus “oficineiros”, assim como estive atenta aos exemplos de cursos com aquela “luz” dos “caça-níqueis”, à qual me referi no pré-escrito desta dissertação. No primeiro caso, encontrei uma teorização em *Oficinas literárias – fraude ou negócio sério?*, do ensaísta José Hildebrando Dacanal, mas seu pensamento sequer dialogava com as reflexões deste trabalho, na medida em que o autor parte do pressuposto de que “o artista nasce artista” e nele está a “chama do gênio”, para concluir que quem “insinuar ter o poder de ensinar alguém a criar símbolos pratica um engodo, uma fraude – e se o fizer em troca de dinheiro comete estelionato qualificado”.

A polêmica fácil se ofereceu como alternativa diversas vezes em meu percurso de escritora e pesquisadora do tema. Eu poderia, por exemplo, ter incluído em minha amostra o curso “Como fazer um best seller”, anunciado na programação da Casa do Saber para 2014. Mas estariam realmente seus alunos sendo enganados? O apelo mercadológico se relacionaria à espetacularização da figura do escritor, e à vaidade disto decorrente, ou apenas ao avanço do mercado de cursos rápidos para pessoas de meia idade e alta renda? Ou tudo não passaria de mais um apelo/devaneio do marketing, como tantos em nossa cultura midiática?

Se fosse por este caminho, eu me afastaria de meu verdadeiro objeto. Conheço de perto, por conta da atividade jornalística, os artifícios utilizados para se empreender uma denúncia e desqualificar de modo banal fenômenos complexos. Não era essa a minha proposta. E minha produtiva vivência da oficina acabou por

avaliar o caminho escolhido – mesmo (ou justamente por) que precisasse fazer observações críticas sobre regras e fórmulas, como fiz.

Como disse Leila Perrone-Moisés, a suspeita de impostura paira, sem dúvida, sobre o ensino artístico. Mas colocar o foco nela seria desconsiderar toda uma complexidade sobre a qual este estudo pretendeu na medida do possível deslizar. Não me matriculei em um curso prático no qual reconheci como interesse comum aos alunos a troca de elogios e a publicação certa (e paga) em uma “coletânea de Natal” no fim do ano. Não era a circunstância da escrita que me interessava. Evitei até oficinas com proposta claramente autobiográficas, com receio de que o lugar de investigação se relacionasse menos ao sujeito da escrita em sua impessoalidade, e mais ao sujeito narcísico.

Ao contrário, busquei intensificar minha experiência por meio de oficinas e professores que se aproximassem de meus valores sobre o que é o literário. Nestas escolhas, talvez estivesse também me inserindo nos circuitos que me ajudarão a me tornar a escritora que sou.